

HENRIQUE BARROSO

Notícia: Souza, Luiz Marques de, *Roteiros de Semântica e Pragmática: Teoria e Prática*.  
Edição do Autor. Reproarte Comercial e Gráfica Ltda.  
Rua do Acre, 44. Rio de Janeiro, Brasil, 1984 (171 pp.)



UNIVERSIDADE DO MINHO  
BRAGA • 1985

**Notícia: Souza, Luiz Marques de, *Roteiros de Semântica e Pragmática: Teoria e Prática.***

**Edição do Autor. Reproarte Comercial e Gráfica Ltda.**

**Rua do Acre, 44. Rio de Janeiro, Brasil, 1984 (171 pp.)**

HENRIQUE BARROSO

(Universidade do Minho)

1.1. Neste livro de 171 páginas, o A. faz, num primeiro momento, um historial científico, embora – dada a natureza da obra – muito resumido, dos termos *Semântica* e *Pragmática* e respectivos conceitos, apresentando, num segundo momento, textos e questionários aplicados à língua portuguesa, com o objectivo de se fazer a sua ‘leitura’ semântica e pragmática.

1.2. De facto, graças à sua experiência (professor de língua portuguesa em algumas universidades do Brasil), o A. depressa chegou à conclusão, como pode ler-se na Introdução<sup>1</sup>, de que a Semântica Linguística

---

<sup>1</sup> Souza (1984: 13): «Quando comecei a ministrar cursos de Semântica da língua portuguesa na Universidade Gama Filho, e, posteriormente, em disciplinas de linguística optativa na Faculdade de Letras da UFRJ, logo verifiquei que apenas a semântica linguística não dava conta de uma série de problemas presentes nas palavras, nos textos e por trás dos ‘bastidores textuais’.»

não dava conta de uma série de problemas relativos à significação total dos enunciados linguísticos. Por isso, neste texto, propõe algo que harmonize os elementos da *enunciação* e os do *enunciado*.<sup>2</sup>

2.1. Vejamos, então, como está organizado o livro. São cinco os seus capítulos. No primeiro (pp. 15-34), o A. descreve a evolução (semântica) da palavra *semântica*, desde a antiguidade greco-latina aos nossos dias, mostrando, desde logo, as orientações diversas no estudo do significado por parte dos Realistas (naturalistas) – relação intrínseca entre o som e o sentido – e dos Nominalistas (convencionalistas) – arbitrariedade –, na filosofia grega. Na antiguidade latina, chama-nos a atenção para o texto de Horácio relativo à importância do Uso «em cujas mãos está o arbítrio, o direito e a lei da fala»<sup>3</sup> (Souza: 1984, 19). A Idade Média não faz mais do que dar continuidade ao pensamento grego sobre esta matéria.

2.2. Depois, diz que o termo *semântica* é uma denominação relativamente recente, que é uma palavra cunhada por Michel Bréal (1833) («Semântica: ciência das significações»)<sup>4</sup> e que os dicionários atestam esse interesse.

---

<sup>2</sup> Souza (1984: 13): «Comecei a caminhar lentamente em busca de outras posições teóricas que pudessem harmonizar os elementos do enunciado com os da enunciação.»

<sup>3</sup> Horácio, *Arte Poética*: vv. 71-72: «... si uolet usus, / quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi.»

<sup>4</sup> Cf. passagem de Bréal., inserta em Souza (1984: 19-20): «O estudo para o qual convidamos o leitor é de uma espécie tão nova que nem sequer recebeu ainda nome. (...) Como este estudo, tal como a fonética e a morfologia, merece ter o seu nome, chamá-lo-emos *Semântica*, isto é, a *ciência das significações*.» (Itálico nosso).

2.3. Até ao século XIX, a Semântica é de natureza diacrónica. A partir deste momento – por influência da Fonologia, da teoria dos traços distintivos, da introdução do conceito de morfema e do princípio da arbitrariedade do signo linguístico e da teoria do valor (Saussure: 1978, 124 e 196, respectivamente) –, a Semântica desenvolve-se e adquire um estatuto de natureza mais objectiva e científica. E, como corroboração destas afirmações, apresenta o testemunho de alguns autores, entre os quais se destaca este: «O signo linguístico é arbitrário *a priori*, mas deixa de sê-lo *a posteriori*» (Claude Lévi-Strauss) (Souza: 1984, 21); sublinha a importância da análise semântica feita por Bernard Pottier: «O conjunto sémico é formado de semas específicos, semas genéricos e semas virtuais» (Souza: 1984, 22) e acrescenta: «as diferenças culturais e o contexto de situação devem ser tidos em conta na organização de uma grade sémica» (Souza: 1984, 22); termina com o exemplo da análise componencial de Katz-Fodor (ou árvore KF: 1964) feita ao semema *bachelor* – análise essa que tem sido, aliás, contestada por alguns especialistas (apontam sobretudo para a sua falibilidade).<sup>5</sup>

2.4. Mais adiante, relaciona *língua e cultura*, pois «a língua veicula e fixa a cultura» (Souza: 1984, 24). E, nesta linha de pensamento,

---

<sup>5</sup> Leia-se, a propósito, Eco (1984: 43-45): «Devem estar lembrados (...) da famosa análise de *bachelor* (solteiro) feita por Katz e Fodor, que provocou toda uma série de discussões. Essa pretende ser uma definição em termos de dicionário. *Bachelor*, em inglês, tem quatro significados: significa a) 'homem não casado', b) 'homem ou mulher que obteve o primeiro grau de formatura numa universidade', c) 'pajem de um cavaleiro' e d) 'tipo de foca que não se acasala no período do cio'.» Um pouco mais adiante, acrescenta: «A teoria está completamente furada. Antes de mais nada, é imperfeita mesmo 'dicionarialmente'. Roman Jakobson observou que as quatro acepções de *bachelor* dependem de uma única propriedade semântica: 'inacabado'. Etc.»

acrescenta: «os sistemas de categorização semântica variam de língua para língua em função das diferentes organizações culturais» (Souza: 1984, 25).

2.5. Para terminar este capítulo, faz um estudo dos termos *homonímia* (não apresenta semas comuns) *polissemia* (apresenta semas comuns), *ambiguidade* (circunstância de uma comunicação linguística se prestar a mais de uma interpretação) *sinonímia* e *não-sinonímia* e *antonímia*, salientando a importância do seu exacto conhecimento para uma melhor descodificação/ interpretação dos enunciados linguísticos.<sup>6</sup>

3.1. No segundo capítulo (pp. 35-48) estuda, em co-autoria com o Prof. Sérgio Waldeck de Carvalho, o significado de *Pragmática* e respectiva evolução do conceito.

3.2. Começa por citar um texto de Stalnaker que diz: «Pragmática é o estudo dos actos linguísticos e dos contextos nos quais eles são executados» (Stalnaker, Robert C., *Pragmática*) (Souza: 1984, 37), concluindo que o acto comunicativo contém um *enunciado* (base linguística) e uma *enunciação* (base extralinguística). Portanto, a finali-

---

<sup>6</sup> Vejam-se, para uma melhor clarificação do assunto em epígrafe, alguns exemplos escolhidos pelo A.: homonímia (*manga*: parte da roupa e fruto); polissemia (*coroa*: de rei, de flores, de espinhos, de montanha); ambiguidade: esta pode ser 'intencional' (*Como era gostoso o meu francês*), 'involuntária' (*A república das Fadas estava à beira do abismo e a revolução deu um passo à frente*), 'léxica' (*essa conta é grande*) e 'sintáctica' (*A velhinha ouviu o ruído da janela*); sinonímia e não-sinonímia (*morrer, falecer, sucumbir, perecer e expirar; crime sem castigo – impune*, etc.); antonímia: esta pode ser 'gramatical' (*feliz/ infeliz*), 'lexical' (*odorífero/ inodoro*), 'monossémica' (*sempre/ nunca*), 'polissémica' (*livre/ ocupado*), 'não-graduável' (*solteiro/ casado*) e 'graduável' (*pequeno/ grande*).

dade da Pragmática Linguística é mostrar quais são as marcas linguísticas e extralinguísticas pertinentes para caracterizar o acto discursivo.

3.3. Posteriormente, diz que a análise do discurso surgiu com Aristóteles. Todavia, a princípio, a Linguística não se preocupou com as questões relacionadas com o contexto de situação e os usuários de uma língua. Só a partir da década de 70, com Roman Jakobson, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, entre outros, é que se começou a dar importância ao estudo da *enunciação*.

3.4. Relaciona, depois, a Pragmática com a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia, dizendo que, no plano filosófico, Austin (1976), com a sua **teoria do acto ilocucionário**, que compreende os actos *ilocucionário* ou *ilocutório* (todo o acto de fala que realiza ou tende a realizar a acção nomeada), *perlocucionário* ou *perlocutório* (as funções da linguagem que não estão elicítadas directamente no enunciado, mas que dependem inteiramente da situação da fala) e *locucionário* ou *locutório* (o acto de dizer) (Souza: 1984, 39-40), e Grice (1982), com o seu **princípio cooperativo**, que é um acordo geral de cooperação entre um falante e um ouvinte, muito contribuíram para a introdução da Pragmática no domínio das questões de significação.

3.5. Depois de chamar a atenção para a existência, na actualidade, de muitas correntes para o estudo da Pragmática, conclui o presente capítulo com um diagrama (Souza: 1984, 42) que revela a trajectória teórica daquela disciplina.

4.1. No capítulo terceiro (pp. 49-94), apresenta um questionário de quarenta e nove perguntas, com diversas alíneas, constituídas por excertos de obras de vários autores e afirmações feitas pelo A. do livro

agora noticiado sobre assuntos de natureza linguística variados, para serem comentadas à luz dos conhecimentos semânticos e pragmáticos.

4.2. Para ficarmos com uma ideia do questionário, eis, entre outras, as seguintes questões: I. 2) «O sentido de uma palavra não é legível senão através das malhas da estrutura» (Genouvrier, Émile, *Linguística e o Ensino do Português*) (Souza: 1984, 51); 4) «A palavra é um complexo de traços significativos» (Martinet, André, *Elementos de Linguística Geral*) (Souza: 1984, 51); 5) «Numa possível árvore KF (Katz-Fodor) da Idade Média, /baleia/ teria recebido uma propriedade Peixe, ao passo que hoje receberia a marca classificadora Mamífero. Mas o código a que hoje recorre um leitor da Bíblia ou de outras obras poéticas deve prever também uma marca Peixe para todos as vezes em que se encontrar /baleia/ como tal» (Eco, Umberto, *As Formas do Conteúdo*) (Souza: 1984, 51); 11) «Sem os dados constituintes de uma determinada realidade cultural, ou seja, sem as unidades culturais a que chamamos *culturemas*, não é possível delinear os contornos semânticos das palavras» (Sílvio Elia) (Souza: 1984, 53).

4.3. Entre outras, chamo a atenção dos leitores para a questão n.º XXXXIV e, nomeadamente, para os textos 1. **Cruzada para actualizar o Português**, 2. **Francês defende pureza da língua com processo contra o *Franglais*** e 3. **Com a *Lei Bas*, a França multa os abusos linguísticos** (Souza: 1984, 82-90), que deixam bem claro a tarefa em que todos nos devemos decidida e decisivamente empenhar: a defesa da (nossa) língua materna.

5.1. No quarto capítulo (pp. 95-134), estamos perante uma antologia de textos estimuladores da motivação (TEM) para abordagens se-

mânticas e/ ou pragmáticas. Eis os temas desses TEMs: para o exame da fraseologia brasileira, dos latinismos, da gíria, da linguagem técnica, da paródia, de regionalismos, de estrangeirismos, de palavras efémeras, para o exame de neologismos, da intenção e percepção do falante, de arcaísmos, de sinónimos, da paráfrase, de tabus linguísticos, de palavras que reflectem o racismo, de ambiguidade, de tipos de palavras e de palavras falsas amigas.

5.2. Vejamos, para observar este método, o TEM n.º 8 (para o exame da paródia):

*Sogra minha cruel que te partiste  
Tão tarde desta vida descontente  
Repousa lá no inferno eternamente  
E viva eu cá na terra nunca triste.*

.....

(Souza: 1984, 112).<sup>7</sup>

5.3. Este capítulo termina com dois textos de Carlos Drumond de Andrade sobre os outros significados das palavras.<sup>8</sup>

6.1. No quinto e último capítulo (pp. 135-163 ), que trata de algumas propostas metodológicas e exercícios para a ampliação vocabular, o A. expressa a opinião de que um bom conhecimento do dicionário, a leitura regular, o conhecimento de radicais gregos e latinos são óptimas vias para chegar ao significado total de uma palavra ou expressão. Diz,

---

<sup>7</sup> Para uma melhor compreensão deste TEM, cf. o soneto *Alma minha gentil, que te partiste* (Camões: 1973, 156).

<sup>8</sup> Estes dois textos, intitulados *Você sabe o sentido de ...?* e *Tome cuidado comas palavras*, foram publicados no *Jornal do Brasil* dos dias 1 e 8 de Dezembro de 1979, respectivamente.

também, que o ensino da ampliação vocabular não deve ser ministrado numa disciplina com o mesmo nome mas, sim, deve aprender-se pela prática e pelo contacto diários que se tem, oralmente e/ ou por escrito, com a língua.

6.2. Dá, depois, uma série de directrizes que o professor de Língua Portuguesa deve adoptar para o ensino do vocabulário (Souza: 1984, 138-140), concluindo com um questionário de 85 perguntas, com alíneas, para ampliação vocabular da língua portuguesa.<sup>9</sup>

7. Pomos termo a esta notícia alargada, afirmando que a obra em epígrafe se revela de extrema utilidade para todos os utentes da língua portuguesa, especialmente para aqueles que ensinam e aprendem, tanto na Universidade como nos outros graus de ensino, sobretudo no Secundário.

## 8. BIBLIOGRAFIA

- AUSTIN, J.-L. (1976), *How to do Things with Words*. London - Oxford - New York: Oxford University Press.
- CAMÕES, Luís de (1973), *Rimas* (Texto estabelecido, revisto e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão). Coimbra: Atlântida Editora.
- ECO, Umberto (1984), *Conceito de Texto* (Trad. bras. por Carla de Queiroz). São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, Ltda.

<sup>9</sup> Veja-se, a título de exemplo, a questão n.º 1), que transcrevemos na íntegra: «Utilizando as preposições que aparecem entre parênteses, verifique se a introdução delas provoca diferenças de significado: a) *Vou falar (a) ele*; b) *Vou falar (para) ele*; c) *Vou falar (com) ele*; d) *Vou falar (sem) ele*; e) *Vou falar (sobre) ele*; f) *Vou falar (contra) ele*; g) *Vou falar (ante) ele*; h) *Vou falar (de) ele*; i) *Vou falar (após) ele*; j) *Vou falar (por) ele*.

- GRICE, H. P. *et alii* (1982), *Pragmática* (Org. Marcelo Dascal). Campinas: Universidade de Campinas.
- HORÁCIO (1984), *Arte Poética* (Introdução, Tradução e Comentários de R. M. Rosado Fernandes). Lisboa: Editorial Inquérito, Lda.
- PLATÃO (1963), *Crátilo* (Versão do grego, prefácio e notas pelo P.º Dias Palmeira). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1978), *Curso de Linguística Geral* (Trad. port. por José Victor Adragão). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

[Publicado em *CIBERKIOSK* 5 (1999)]  
[Site: <http://www.uc.pt/ciberkiosk>]